

Vale tudo na CPI por 15 minutos de fama

Todo ser humano tem 15 minutos de fama, disse o artista plástico norte-americano Andy Warhol. Em busca dos seus minutos à posteridade, os integrantes da CPI do Orçamento usam e abusam da transmissão ao vivo dos principais depoimentos. A grande maioria não abre mão dos dez minutos para fazer perguntas e aparecer em todo o País, nem que para isso façam apenas um breve discurso ou dêem votos de boas-festas aos depoentes. O requinte é tal que muitos calculam o tempo para aparecer perguntando nas intervenções ao vivo das emissoras de maior audiência, em especial no "Hoje" da TV Globo.

Quanto maior o interesse da opinião pública no depoimento, maior a preparação dos parlamentares. Quando Paulo César Farias foi ouvido pela CPI, o deputado Luiz Salomão (PDT-RJ) — autor do requerimento de convocação e, por isso, o primeiro a inquiri-lo —, ao ler a agenda do empresário, virava os papéis para as câmaras e não em direção ao depoente ou à mesa. O deputado Aloízio Mercadante (PT-SP), o outro que pediu a convocação de PC, também fez a sua cena. Mercadante levou ao plenário da CPI um enorme painel para explicar o esquema de corrupção, mas não conseguiu fazer PC falar.

A intervenção mais dispensável, nesse mesmo depoimento, ficou por conta do deputado Costa Ferreira (PP-MA) que ao invés de fazer perguntas desejou "Feliz Natal e Faustoso ano Novo" a PC e

seus familiares. Depois ainda justificou que todo o ser humano merece respeito. No depoimento do deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) — igualmente cercado de grande cobertura jornalística —, o deputado Nélson Trad (PTB-MS) aproveitou seus dez minutos para fazer um discurso absolvendo o ex-presidente da Câmara, embora, no final da audiência, a avaliação geral fosse totalmente diferente.

Correligionário de Ibsen Pinheiro, o deputado Roberto Rollemberg (PMDB-SP), presidente do diretório paulista do PMDB, disse claramente que estava "utilizando o meu tempo" e fez uma explanação sobre a posição do partido diante da CPI do Orçamento. Muitos parlamentares acabam abusando da fórmula jurídica de perguntar e reperguntar para pegar o depoente em possíveis contradições, mas acabam tornando as inquirições cansativas. A Subcomissão de Subvenções Sociais tem evitado usar essa fórmula e normalmente escala um representante para fazer as perguntas. Outros parlamentares, como por exemplo o senador Pedro Simon (PMDB-RS) — embora membro titular da CPI —, raramente comparecem aos depoimentos e evitam fazer perguntas.

Na avaliação de alguns parlamentares, as transmissões ao vivo são um desserviço à CPI do Orçamento pois, na ânsia de mostrar trabalho, deputados e senadores acabam fazendo perguntas totalmente dispensáveis e que em nada contribuem para as investigações.